

*Coleção Vértice*

129

## SÃO JOSÉ E SEU MUNDO



MIKE AQUILINA

SÃO JOSÉ  
E SEU MUNDO

Tradução  
Artur Padovan



QUADRANTE

São Paulo

2021

Título original  
*Saint Joseph and his World*

Este livro foi publicado com a permissão da Scepter Publishers, Inc., [www.scepterpublishers.org](http://www.scepterpublishers.org). Seu conteúdo não pode ser reproduzido sem a expressa autorização da Quadrante Editora.

Capa  
Douglas Catisti

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Aquilina, Mike

São José e seu mundo / Mike Aquilina; tradução de Artur Pado-  
van. – 1ª ed. – São Paulo : Quadrante Editora, 2021.

Título original: *Saint Joseph and his World*

ISBN: 978-65-86964-75-2

1. Bíblia - Ensinaamentos 2. José (Filho de Jacó) 3. Judaísmo  
4. Judaísmo - Costumes e práticas I. Título.

21-66587

CDD 296.09

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Judaísmo : História 269.09

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados a  
QUADRANTE EDITORA  
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270  
CEP 01252-020 - São Paulo - SP  
[www.quadrante.com.br](http://www.quadrante.com.br) / [atendimento@quadrante.com.br](mailto:atendimento@quadrante.com.br)

# Sumário

Prefácio .....	7
Prólogo - Das palavras e da obra.....	11
1. O mundo de São José.....	15
2. José e seu rei.....	31
3. A prosperidade e o seu preço .....	43
4. Um casamento em meio à loucura.....	57
5. José e seus anjos.....	67
6. Fugindo de Herodes.....	83
7. José e seu trabalho .....	93
8. Transmitindo a Páscoa .....	103
9. Uma breve reflexão sobre a prudência.....	117



# Prefácio

por Scott Hahn

No segundo século, o historiador grego Plutarco escreveu suas *Vidas paralelas*, coleção de perfis biográficos organizados em pares. Cada par trazia um grego e um romano de destaque. O formato era oportuno, uma vez que permitia ao autor enriquecer cada perfil com comparações implícitas ao seu complemento: Alexandre, o Grande, com Júlio César; Demóstenes com Cícero; e assim por diante. Plutarco redigiu 48 biografias no total.

Ao escrevê-las, tinha a distinta vantagem de fazê-lo como um historiador pagão para um público pagão. E por que isso seria vantajoso? Porque ninguém esperava que Plutarco escrevesse uma biografia de São José.

Poucos temas são tão desafiadores, sobretudo para autores que respeitam o método histórico. São José parece esforçar-se por não cooperar com essas narrativas na mesma medida em que foi fiel à Providência. Em todos os registros confiáveis, mostra-se tão calado quanto

um agente de segurança, tão discreto quanto um cartucho. Ao longo dos séculos, autores cristãos tenderam a compensar a escassez de informações recorrendo a uma homilética exageradamente piedosa. Assim, ao final desses livros, José pode parecer ainda mais distante do que estivera no princípio.

Diante desse desafio, Mike Aquilina obteve sucesso dobrando sua aposta. Embora não nos revele que técnica empregou, nas páginas deste *São José e seu mundo* ele usa o truque de Plutarco: compôs uma *Vida paralela* das mais improváveis, contando a história do patriarca da Sagrada Família ao lado da vida de seu arquirrival. Aquilina narra os dias de José a partir de seus pontos de contato com a carreira de um dos déspotas mais vis da história: o rei Herodes, o Grande. E isso é um tremendo avanço, pois não podemos entender a vida de um até avaliarmos a vida do outro.

Talvez não *queiramos* dedicar nosso tempo à espantosa depravação do rei Herodes, mas sem isso não conseguimos enxergar verdadeiramente a virtude de São José. Herodes costuma ser um tema delicado e pouco reconhecido nos debates sobre a Sagrada Família. Não queremos trazer algo tão desagradável para a conversa. Todavia, Herodes participou da vida da Sagrada Família de diversas maneiras. José era carpinteiro, e Herodes talvez tenha sido, para a arte da carpintaria, o benfeitor mais generoso de toda a história. Herodes cobiçava o trono de Davi, e José era herdeiro legítimo desse mesmo trono. As decisões diárias de Herodes afetavam o bem-estar da aldeia de José, de seu clã e de sua vida profissional. Os programas e caprichos de Herodes



exerciam profunda influência sobre a sua economia e segurança. Pode-se ter certeza de que, mesmo em lugares tão remotos como Nazaré, o ar carregava uma série de rumores e fofocas da capital.

Nas páginas desta obra, você descobrirá mais sobre Nazaré – e como ela foi criada quase *ex nihilo* pouco antes do nascimento de José; aprenderá sobre os costumes e a educação daquela época e lugar; viajará para o Egito e encontrará os fascinantes assentamentos do povo judaico... Também descobrirá – com detalhes técnicos – como um carpinteiro trabalhava então: que ferramentas usava, que itens produzia, onde recebia treinamento e como ia e voltava dos canteiros de obra. Você entenderá como eram executadas as grandes obras e que papel desempenhavam os carpinteiros em suas respectivas equipes.

Aquilina chega a inserir relações internacionais nesta história. Havia quem soubesse do importante papel de Cleópatra? Quem ligasse para as rivalidades políticas entre Síria e Egito, Pérsia e Roma? José sabia e ligava, pois todas essas questões eram fatores relevantes para sua vida profissional.

Além disso, há também a dimensão religiosa, que na cultura de José estava intimamente relacionada com todo o resto. Este livro descreve a vida judaica do primeiro século em termos vívidos, com detalhes reveladores e cuidadosamente selecionados. Seu autor mostra-se capaz de comunicar uma imensa complexidade sem sobrecarregar a narrativa com minúcias acadêmicas.

O que descobrimos nas entrelinhas é que, no primeiro século antes de Cristo, havia duas mãos a guiar a

história: a mão providencial do Senhor Deus, que obra-va a vontade divina, e a mão demoníaca de Satanás, que manipulava o rei Herodes. Como resultado, dois relatos de realza coexistiam, bem como duas ideias rivais a respeito da construção do templo e duas histórias rivais da salvação. José não era o único judeu a reconhecer esse dualismo, mas talvez tenha sido o mais importante deles. Os que o reconheciam viam-se forçados a fazer escolhas difíceis e enfrentar terríveis consequências.

Há muitas coisas que só descobriremos sobre São José – ou sobre sua esposa, ou sobre seu Divino Filho – se caminhar-mos ao seu encontro no contexto cultural em que se inseria e em contraste com a narrativa oposta, protagonizada por Herodes.

Nas páginas deste livro, vemos muito com imensa clareza.

## PRÓLOGO

# Das palavras e da obra

Um velho amigo meu, romancista que admiro muito, perguntou-me na semana passada em que eu vinha trabalhando.

Disse-lhe: «Um livro sobre São José».

Ele sorriu e respondeu: «São José é como um buraco negro no centro da galáxia do Evangelho. Conhecemo-lo mais por seus efeitos do que por aquilo que vemos dele».

Sei bem por que ele sorriu e entendo por que comparou o guardião do Redentor a um buraco negro. São José é inaudível e praticamente invisível. O único registro que temos de sua vida são algumas menções encontradas no Novo Testamento. Nelas, ademais, ele não diz uma só palavra.

Não sou o primeiro a observar o quão irônico é escrever um livro sobre alguém que se notabiliza pelo silêncio. E, ainda assim, todos os anos, vários títulos novos parecem ser publicados. São José possui até mesmo um *ramo* inteiro da teologia dedicado à contemplação

de sua vida: chama-se josefologia. Os josefólogos fazem conferências anuais e redigem seus artigos – tudo sobre um homem de cujas palavras não há registro algum.

Para fazer um esboço de São José, é preciso usar algo como a técnica artística do *chiaroscuro*. O artista retrata as sombras do ambiente a fim de acentuar os objetos contidos num estreito feixe de luz. A figura entra em foco porque contrapõe-se à escuridão circundante. (Certamente não é acidental que algumas das obras-primas do *chiaroscuro* sejam retratos de São José.)

Um homem como São José pode tornar-se indistinto quanto falamos demais sobre ele. Nesta obra, desejo falar de seu mundo: da sociedade e da cultura do reino da Judeia, das oficinas em que ele praticou sua arte, das vias a que ele chamava de lar. Tratava-se de uma atmosfera de muito calor, e assim deixaremos que ele passe um tempo na sombra enquanto contemplamos suas obras.

Não sei mesmo se sou tão hábil em meu ofício quanto São José foi no seu. Suspeito de que não. Podemos estar certos, porém, de que ele praticou seu ofício tão bem quanto pôde, e espero que também eu tenha agido assim.

Uma nota sobre as fontes: indiquei as referências completas das fontes modernas. No caso das antigas, forneço simplesmente o autor da obra e seu título, seguido pelo número do capítulo ou seção. As fontes antigas são facilmente acessíveis *online*, sob diversas traduções. Em alguns casos, modernizei as traduções inglesas feitas no século XIX. Noutros poucos, busquei traduções novas.

Ao longo do livro, refiro-me a José como pai de Jesus. Ao fazê-lo, sigo a prática da Santíssima Virgem (cf. Lc 2, 48). Também me refiro a José como marido de Maria, novamente seguindo o exemplo das Escrituras (cf. Mt 1, 16.19).

Mike Aquilina  
Festa de São José  
19 de março de 2020



## CAPÍTULO I

# O mundo de São José

Eles passavam todos os dias em viva expectativa.

O povo de Nazaré trabalhava, comia e rezava; dormia e sonhava como todos nós; no entanto, mantinha a consciência viva de que o Senhor Deus estava cumprindo seu plano por meio das atividades ordinárias que eram ali desempenhadas.

Tinham sido os acontecimentos da história recente – os sinais dos tempos – o que atraíra seus bisavós para a Terra Santa desde a longínqua Babilônia. Nutridos pela esperança de suas famílias, os homens e mulheres daquela geração haviam transportado suas posses e famílias inteiras por mais de mil quilômetros, percorrendo estradas empoeiradas e perigosas. Tinham fundado um vilarejo nas montanhas, que ergueram a partir de um descampado infértil.

E, por causa dessa mesma esperança, haviam dado à sua aldeia o nome de Nazaré: a «Vila do Rebento»

ou «Vila do Broto». Os pioneiros da Babilônia queriam que tudo em seu novo lar fizesse eco à promessa que o Senhor Deus expressara pelo profeta Isaías seiscentos anos antes: «Brotará um rebento do tronco de Jessé» (Is 11, 1); e, de fato, brotaria um rei ungido da família deles.

No século que se passou entre a fundação da aldeia e o reino de Herodes, os sinais pareciam chegar mais frequentemente e com maior clareza. O povo de Nazaré, José incluso, notava todos os indícios de que o tempo estava próximo. Talvez se tratasse até mesmo daquele.

Logo o pequeno rebento floresceria. Ele cresceria até o céu como uma árvore verdejante, espalhando seus ramos até abranger a terra e o povo de Israel.

Não era uma questão de *se* o Senhor estava agindo naquele momento, mas de *como* o fazia – em particular, de como Ele agia em cada família, naquela aldeia, naquela terra.

O Senhor cumpriria suas promessas. Isso nunca estivera em dúvida.

Aqueles homens e mulheres mantinham registros cuidadosos dos ancestrais de até dois mil anos antes: até Abraão. Por isso, conseguiam vislumbrar um padrão – um padrão difícil de discernir no decorrer de um ano, ou mesmo de uma vida, mas que se fazia claro ao longo dos séculos. Deus fazia promessas aparentemente impossíveis, mas sempre as cumpria.

Abraão e Sara já passavam dos setenta anos de idade e não tinham filhos, e Deus prometeu fazer deles uma grande nação (cf. Gn 12, 2). Passados alguns anos, an-



jos vieram e confirmaram a promessa – embora Sara tivesse então mais de noventa anos e Abraão, cem (cf. Gn 17, 17 e 18, 10-12).

Sara, de fato, teve um filho: Isaac, cujos descendentes se tornaram uma nação imensa.

Os descendentes de Abraão prosperaram por gerações, pastoreando e cultivando a terra que tinham recebido de Deus. Isaac gerou Jacó, que Deus renomeou Israel e cujos filhos dariam nome às Doze Tribos.

Por uma série de eventos calamitosos, as tribos se viram transplantadas para o Egito e ali escravizadas. Eram um povo preso por razões circunstanciais, mas ciente da promessa que o Senhor fizera aos seus ancestrais.

Deus chamou Moisés, então, para livrar Israel da escravidão e restaurá-lo à sua terra ancestral. Mais uma vez, a tarefa parecia impossível. Deus, porém, assistiu Moisés com intervenções extraordinárias: uma série de pragas visitou os egípcios e, por fim, o mar partiu-se miraculosamente enquanto os israelitas fugiam do exército do Faraó, que vinha em seu encalço.

Deste modo, apesar de toda a sua inferioridade militar, eles conquistaram os diversos povos que habitavam a terra que lhes fora prometida. Tomaram o solo, cultivaram-na e prosperaram de novo.

Tiveram tanto sucesso que quiseram ter o que as outras nações tinham. Queriam um rei. Deus então lhes deu reis, e Israel conquistou a grandeza mundana sob a monarquia.

No tempo do primeiro rei, Saul, surgiu um jovem chamado Davi, que tinha todas as características de um

herói popular. Belo pastor de ovelhas, escreveu canções que ganharam a atenção da casa real. Só a música de Davi podia acalmar a alma do rei. Ao alistar-se no serviço militar, Davi superou a todos no campo de batalha e matou o guerreiro mais valente dos filisteus, o gigantesco Golias. Quando o rei Saul morreu em batalha, Davi foi aclamado e ungido como seu sucessor.

A nação uniu-se em torno de Davi. E, como todo monarca do mundo antigo, ele enfrentou desafios à sua autoridade, incluindo uma tentativa de golpe por parte de seu filho Absalão. Superou-os, porém, em todas as ocasiões.

Até então, Israel havia prestado culto no tabernáculo, um santuário portátil que viajava de um domínio tribal ao outro. Continha a arca da aliança e outras relíquias do tempo do Êxodo do Egito. Davi trouxe o santuário permanentemente para Jerusalém, fazendo de Israel o ponto central do culto religioso e da identidade nacional. O próprio Davi liderou a procissão até a capital em vestes sacerdotais. Ele dançou diante da arca, compôs música de culto e obteve o título de «salmista». A maioria das canções do maior livro da Bíblia, o Livro dos Salmos, é atribuída a ele. Sua piedade era tão monumental quanto todas as suas outras qualidades. Davi reinou como rei-sacerdote mesmo sendo da tribo de Judá, e não da tribo sacerdotal de Levi.

Os pecados de Davi também alcançaram escala épica. Ele cometeu adultério com a esposa de seu guarda mais devoto e, depois, tramou o assassinato do homem. No intuito de engrandecer a si mesmo (e por tentação de Satanás: cf. 1 Cr 21, 1), ordenou a realização de um

censo, que lhe daria números de que se gabar. Contudo, seus pecados sempre o levavam a uma tristeza abjeta e ao arrependimento. Davi estabeleceu um modelo de penitência no Salmo 51.

Tende piedade de mim, ó Deus, segundo a vossa infinita misericórdia.

E segundo a grandeza da vossa clemência, apagai os traços da minha falta.

Lavai-me de toda a minha iniquidade;  
purificai-me do meu pecado.

Porque reconheço a minha maldade,  
e tenho sempre o meu pecado diante de mim.

Só contra Vós pequei,  
e fiz o mal diante dos vossos olhos. [...]

Criai em mim, ó Deus um coração puro;  
e renovai em meu íntimo um espírito firme.

Não me afasteis da vossa presença,  
nem me retireis o vosso espírito de santidade.

Restituí-me a alegria do vosso salutar auxílio;  
e fortalecei-me com um espírito generoso.

Durante a monarquia de Davi, tinha-se a impressão de que a grande nação que descendera de Abraão havia chegado ao seu destino. E o filho e herdeiro de Davi, Salomão, fez perdurar a sensação de triunfo. A sabedoria de Salomão era proverbial. Ele escreveu livros e obteve renome internacional. Monarcas vinham de longe para ouvi-lo falar. Cumprindo o desejo de seu pai, Salomão construiu em Jerusalém um templo espaçoso para honrar o Deus de Israel. Como seu pai, cumpriu a

função de rei-sacerdote – não como levita, mas segundo o modelo de Melquisedeque, que governara a cidade no tempo de Abraão (cf. Gn 14, 18; Sl 110, 4)<sup>1</sup>.

De seu pai Davi, Salomão herdara um modelo de realeza; de Deus, recebera dons sem precedentes. Todavia, continuava livre para usar ou ignorar seus dons, e sua decisão não foi nada sábia. Passou a adotar o estilo dos monarcas estrangeiros, chegando mesmo a superá-los em seu consumo excessivo. O harém que reuniu não tinha igual: setecentas esposas e trezentas concubinas. Muitas dessas mulheres eram estrangeiras, escolhidas contrariamente à Lei de Israel; além disso, trouxeram consigo deuses estranhos e construíram templos para honrá-los, tentando o rei a que se unisse a elas no culto idolátrico. Salomão cedeu e ofereceu sacrifícios nesses lugares, violando egregiamente o primeiro dos mandamentos do Senhor – aquele de que dependem todos os outros. Salomão optara pela idolatria e causou grave escândalo. O Senhor Deus disse-lhe que suas faltas dividiriam o reino (cf. 1 Rs 11, 11-12). Não durante a sua vida, mas durante o reinado de seu sucessor, as tribos do norte de Israel rebelaram-se e separaram-se, estabelecendo reino e rei próprios. De Jerusalém, os herdeiros de Davi agora reinavam sobre um reino de Judá bastante reduzido.

Então, seguiram-se séculos de inimizade entre os dois reinos rivais, numa longa guerra civil. Os conflitos familiares são sempre os mais ferrenhos, e todos os litigantes neste caso eram filhos de Abraão. A «grande nação» que o patriarca gerara havia se tornado uma nação em guerra consigo mesma.

Dividida dessa forma, ela deixara de ser grande. Por conseguinte, tanto a terra quanto o povo viam-se agora vulneráveis a incursões de exércitos vizinhos. No século VIII a.C., os assírios invadiram as terras do norte. No seguinte, investiram contra Judá, mas foram rechaçados em Jerusalém. De todo modo, outra superpotência teve êxito onde os assírios falharam. As forças da Babilônia tomaram Jerusalém em 597 a.C. Os novos conquistadores neutralizaram permanentemente o poder de Judá ao capturar suas elites e deportá-las para a Babilônia. A caminho daquela cidade longínqua, o último dos herdeiros do rei Davi, o rei Zedequias, foi forçado a assistir à execução de seus filhos, um a um. Então os babilônios o cegaram para que o assassinato de seus filhos fosse a última coisa que veria (cf. 2 Rs 25, 1-7). Zedequias passou o resto de seus dias como prisioneiro numa cidade estrangeira. Ao que tudo indicava, com sua morte a dinastia de Davi chegaria a um fim abrupto.

O que pensar, então, das promessas de Deus e das previsões dos profetas? Tudo não passara de propaganda? A Davi, Deus jurara:

Eu lhe darei uma perpétua descendência,  
seu trono terá a duração do céu [...].  
Não violarei minha aliança,  
não mudarei minha palavra dada.  
Jurei uma vez por todas pela minha santidade:  
a Davi não faltarei jamais.  
Sua posteridade permanecerá eternamente,  
e seu trono, como o sol, subsistirá diante de mim,  
como a lua que existirá sem-fim

e o arco-íris, fiel testemunha nos céus (Sl 89, 29.34-37).

E isso parecia somente confirmar o que o patriarca Jacó profetizara em seu leito de morte: «Não se apartará o cetro de Judá, nem o bastão de comando dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence por direito, e a quem devem obediência os povos» (Gn 49, 10).

O reinado de Davi foi longo e glorioso: quarenta anos. Salomão governou por outros quarenta, o que totaliza oitenta anos de monarquia num reino unido. A dinastia de Davi claudicou por outros quatro séculos. A casa de Davi reinou por meio milênio, o que é bastante para uma dinastia, mas certamente não cumpre os termos da promessa de Deus: *enquanto brilhar o sol e perdurarem os céus*. E o que dizer da «obediência dos povos» predita por Jacó? O que agora acontecia era o oposto. A descendência de Judá dispersava-se entre as nações, sujeita a todo governante do mundo conhecido, sem governar a ninguém, nem mesmo seu próprio povo.

Na Babilônia, porém, vivia um remanescente da família de Davi. Não mais dispomos das árvores genealógicas completas, e por isso não conhecemos sua linha de descendência.

Davi gerara dezoito filhos de oito esposas. Sua linhagem presumivelmente continuou por meio de seus outros descendentes, e não só de Salomão. Depois, se foi multiplicando com o passar dos séculos. Ignoramos

se a Casa de Davi no exílio consistia nesses descendentes colaterais.

O que sabemos é que os descendentes de Davi viveram como um clã quando no exílio da Babilônia. Outrora reis, agora exerciam ofícios e profissões comuns. Mantinham a discrição, mas dentro de casa transmitiam de uma geração a outra sua identidade real e alimentavam registros meticulosos da genealogia familiar.

Aquelas pessoas não viviam de nostalgia, mas de esperança. Era a esperança o motivo por que conservavam os registros genealógicos, de modo a que a linhagem legítima de Davi pudesse ser restaurada no momento em que Deus interviesse. Elas tinham absoluta certeza dessa intervenção. Não se faziam especulações quanto a um *se*, mas questionava-se fervorosamente o *quando*. Na oração, ecoavam o ancestral salmista: «*Até quando, Senhor, de todo vos esqueceréis de mim?*» (Sl 13, 1).

Na Babilônia eles rezavam e estudavam o modo como Deus operara a salvação no passado. Observavam, contra todas as expectativas, a promessa a Abraão. Traçavam o curso do Êxodo e destrinçavam os acontecimentos contemporâneos, buscando sinais e examinando toda e qualquer notícia que chegasse de sua terra ancestral.

Antes de qualquer outra coisa, eles rememoravam. A memória era a chave de sua identidade e o legado mais valioso que podiam deixar para seus filhos – a lembrança dos atos e intervenções do Senhor, a lembrança da providência divina, a lembrança das promessas de Deus... «Recordai as maravilhas que operou, seus

prodígios e as sentenças por seus lábios proferidas» (Sl 105, 5). «Em presença de seus pais, ainda em terras do Egito, [...] o mar foi dividido para lhes dar passagem» (Sl 78, 12-13).

Recordar era dever dos exilados. Eles sabiam que esquecer significaria sua queda como povo, uma aniquilação por assimilação.

Mesmo na Babilônia, Deus elegeu para os exilados profetas que confirmaram a missão do Povo Eleito. Entre os primeiros cativos a serem levados estava o profeta Daniel, que predisse a restauração da nação depois de «setenta semanas de anos» (Dn 9, 24): 490 anos ao todo. Naquele tempo, surgiria «um ungido, um príncipe» (em hebraico, ungido se diz *moshiach*, «messias»), e esse príncipe reinaria desde Jerusalém.

Jeremias, por sua vez, garantiu ao povo que Deus já estava trabalhando para esse fim: «Bem conheço os desígnios que mantenho para convosco – oráculo do Senhor –, desígnios de prosperidade e não de calamidade, de vos garantir um futuro e uma esperança. Vós me invocareis e vireis suplicar-me, e eu vos atenderei. Vós me procurareis e me haveis de encontrar, [...] e vos trarei do cativeiro e vos irei buscar em todas as nações e em todos os lugares por onde vos dispersei – oráculo do Senhor –, para reintegrar-vos no lugar de onde vos exilei» (Jr 29, 11-14).

As oportunidades de regresso logo se apresentaram. O grande poder da Babilônia não tardou a cair perante o poder da Pérsia, e em 538 a.C. o imperador persa Ciro decretou que o povo de Judá (os judeus) estava livre para voltar para sua terra. Mais tarde, na-



quele mesmo século, outro imperador persa, Dario, o Grande, patrocinou a reconstrução do templo de Jerusalém, que havia sido gravemente danificado por ocasião da conquista.

No entanto, foram relativamente poucos os judeus que retornaram para sua terra de origem. Muitos estavam confortavelmente estabelecidos na Babilônia, que era agora o único lar que conheciam. Levavam uma boa vida e nunca tinham visto Jerusalém. Além disso, o reassentamento do antigo território – agora dilapidado e inculco – prometia muito trabalho duro e pouco retorno para o investimento.

Aos descendentes do rei Davi, talvez o momento não parecesse oportuno. O povo estivera chamando o rei Ciro de «ungido» (ver Is 45, 1), mas ele não era o messias principesco que esperavam. Desde os tempos de Moisés, estivera claro que o Messias viria da família de Abraão: «O Senhor, teu Deus, te suscitará *dentre os teus irmãos* um profeta como eu: é a ele que deveis ouvir» (Dt 18, 15).

Os judeus ficaram, pois, no exílio, estrangeiros em terra estrangeira, presos a enclaves nos quais se dividiam por clãs: realeza de um lado; sacerdócio do outro. Continuavam, porém, alimentando seus registros escrupulosamente. Mantinham sua memória viva e, com a memória, sua esperança.

Passaram-se décadas, vidas, séculos. Os poderes se alternaram na região à medida que Alexandre, o Grande, guerreiro macedônio, fora conquistando o mundo; todavia, Alexandre morreu jovem, antes que pudesse governar o que conquistara. Seus generais dividiram os

territórios subjugados entre si. Jerusalém passou primeiro aos ptolomeus, que radicavam-se no Egito, e depois para os selêucidas, que governavam desde a Síria. Os selêucidas eram senhores mormente benignos, que permitiam que os judeus se governassem e seguissem a Lei de Moisés; no entanto, também introduziram a cultura grega em Jerusalém, e preferir os costumes gregos aos judaicos foi-se tornando cada vez mais um sinal de elegância, sobretudo entre as elites urbanas. As classes sociais mais elevadas pararam de seguir as antigas leis alimentares de Israel, bem como outras normas.

Na Babilônia, os relatos que chegavam de Jerusalém eram cada vez mais perturbadores. Durante o reinado do selêucida Antíoco IV, o sumo sacerdote dos judeus foi deposto e substituído por alguém mais aberto aos costumes gregos.

Então, enquanto Antíoco dedicava-se a fazer guerra contra o Egito, o sumo sacerdote deposto reuniu uma milícia de mil homens e tentou reapossar-se de Jerusalém. A resposta de Antíoco foi rápida e furiosa. Ele partiu do Egito com suas forças e invadiu Jerusalém com facilidade. De acordo com o Segundo Livro dos Macabeus, «houve, pois, uma mortandade de jovens e de velhos, carnificina de homens, mulheres e crianças, um massacre de donzelas e de meninos. Em três dias houve oitenta mil vítimas, das quais quarenta mil foram mortas e outras tantas vendidas como escravas» (2 Mac 5, 13-14).

Não satisfeito com a matança generalizada, Antíoco entrou no templo e saqueou seu tesouro. Sobre o altar principal, sacrificou um porco – o mais impuro

e imundo dos animais segundo os judeus. Mandou ferver depois as carnes e, então, ordenou aos seus homens que aspergissem o caldo sobre todas as paredes do templo. Tratava-se de uma profanação abominável, cuja intenção era chocar e humilhar os judeus. E ela funcionou.

Antíoco acreditava que o judaísmo era uma seita fanática, incapaz de concessões. Negociações eram inúteis, e por isso ele impôs uma política de helenização total. Sua meta era erradicar todos os traços da identidade judaica e substituí-los pela cultura grega. Quem resistisse seria morto.

Famílias e homens piedosos fugiram da cidade e buscaram refúgio em colinas remotas. No entanto, as forças selêucidas estenderam seu projeto também ao campo, impondo-o ao povo das vilas e fazendas: deveriam oferecer sacrifício aos ídolos ou morrer.

No deserto de Judá, os refugiados começaram a aumentar em número e confiança. Formavam uma colcha de retalhos, composta de homens sem treinamento, em desvantagem numérica e mal armados. Por outro lado, lembravam-se da história do Êxodo e de outras histórias de libertação. Começaram, assim, a conduzir uma campanha com táticas de guerrilha. Seu líder era conhecido como Judas Macabeu – Judas, o Martelo. Sua família, os hasmoneus, controlava as forças rebeldes.

A rebelião durou sete anos, com batalhas campais e incursões que violavam as regras convencionais de guerra. As forças selêucidas não estavam preparadas para a ferocidade dos oponentes judeus. Entre os sírios ocorreram muitas baixas. Quando Antíoco IV morreu,

seu exército desistiu e foi para casa; os que vieram depois fizeram um tratado com os macabeus.

Os macabeus entraram triunfalmente em Jerusalém. Eles purificaram e rededicaram o templo, num acontecimento que os judeus comemoram até hoje com a celebração do Hanukkah; do mesmo modo, instauraram um sumo sacerdote da família dos hasmoneus que também governaria como monarca.

Na longínqua Babilônia, nos enclaves de seus distritos, a notícia deve ter suscitado discussões acaloradas. O que aquilo poderia significar? Os judeus haviam vencido miraculosamente os senhores gregos. Tinham restabelecido a Lei de Moisés como a lei da terra, e eram governados por um rei-sacerdote.

Durante os anos do regime hasmoneu, as notícias continuaram a chegar. Os judeus recuperaram as terras do reino de Davi e de Salomão e deram a seus habitantes uma só alternativa: converter-se ou partir. Os homens que ficaram foram circuncidados à força.

Seria aquele o tempo ansiosamente esperado do Messias? O período previsto por Daniel – as setenta semanas de anos – estava terminando. Os hasmoneus espalharam a notícia de que os judeus da diáspora deviam retornar para suas terras em Israel. Independentemente do tempo que as famílias tivessem passado no exílio, deveriam agora voltar para casa. Muitos da Babilônia aceitaram o convite e regressaram. Também isso era um cumprimento da profecia: a reunião das tribos dispersas, tal qual predito por Jeremias.

Grupos grandes do clã do rei Davi tomaram a decisão de se mudar. Colocaram tudo o que tinham em

carroças e no lombo de animais de carga, empacotaram cuidadosamente os livros das genealogias e iniciaram uma caravana de mais de mil quilômetros.

De acordo com a forma atual de calcular as datas, isso se deu aproximadamente no ano 100 a.C.

Aqueles da casa de Davi que retornaram adquiriram dois amplos tratos de terra na baixa Galileia – uma terra que não era habitada havia quase seiscentos anos<sup>2</sup>. Estabeleceram ali duas aldeias e deram-lhe nomes fortemente associados ao Messias esperado.

A uma delas chamaram *Kochba*, a Vila da Estrela, que evoca o oráculo do profeta Balaão: «Eu o vejo, mas não é para agora, percebo-o, mas não de perto: um astro sai de Jacó» (Nm 24, 17).

Ao outro local chamaram *Nazaré*, a Vila do Rebento, como vimos no início deste capítulo. «Brotará um rebento do tronco de Jessé».

A família de Davi estava fortemente ciente de sua missão e de seu propósito na história. Os residentes de Nazaré e Kochba abriam-se à possibilidade – talvez até à probabilidade – de um deles vir a gerar o Messias para o mundo.

Arqueólogos estimam que Nazaré possuía entre 120 e 150 habitantes em meados do primeiro século antes de Cristo<sup>3</sup>. Setenta anos depois da chegada do clá, esses habitantes tinham já rotinas estabelecidas e estavam integrados à economia local. As casas praticavam cada qual seus ofícios, que os pais ensinavam aos filhos e as mães, às filhas.

Mais tarde no mesmo século, uma das famílias de Nazaré – uma família de artesãos – deu à luz um menino chamado José. Seu nome, assim como o do local de seu nascimento, refletia a esperança do seu povo. José, em hebraico, significa «Deus aumentará».

## Notas

1. Sobre a identificação de *Salém* com *Jeru-salém*, cf. Sl 76, 1-2.
2. Bargil Pixner, «Jesus and His Community: Between Essenes and Pharisees», em J. H. Charlesworth e Loren L. Johns (orgs.), *Hillel and Jesus: Comparative Studies of Two Major Religious Leaders*, Fortress, Minneapolis, 1997, p. 214.
3. Pixner, p. 214.